

Capítulo 8 - Comidas e cidades múltiplas apropriações do consumo alimentar na mídia

Daniela Menezes Neiva Barcellos
Igor Sacramento
Maria Cláudia da Veiga Soares Carvalho
Ricardo Ferreira Freitas

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BARCELLOS, D.M.N., SACRAMENTO, I., CARVALHO, M.C.V.S., and FREITAS, R.F. Comidas e cidades: múltiplas apropriações do consumo alimentar na mídia. In: BOSI, M.L.M., PRADO, S.D., And AMPARO-SANTOS, A., comps. *Cidade, corpo e alimentação: aproximações interdisciplinares* [online]. Salvador: EDUFBA, 2019, pp. 217-238. ISBN: 978-65-5630-010-8.
<https://doi.org/10.7476/9786556300108.0011>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

CAPÍTULO 8

Comidas e cidades múltiplas apropriações do consumo alimentar na mídia

DANIELA MENEZES NEIVA BARCELLOS, IGOR SACRAMENTO,
MARIA CLÁUDIA DA VEIGA SOARES CARVALHO E RICARDO FERREIRA FREITAS



INTRODUÇÃO

Cotidianamente, somos convidados a experiências multissensoriais e de infinitas ressignificações na cidade, lugar de produção de subjetividades e afetividades que se inscrevem nos corpos dos indivíduos. Sons, silêncios, cheiros, memórias, cores, encontros e sabores. Múltiplos sentidos e significados transitam no palco das urbes em que somos protagonistas e espectadores, simultaneamente.

Nesse entrecruzar de sensações e emoções, observamos a efervescência de narrativas sobre o comer, temática que se consolida e invade nosso dia a dia, sobrecarregado do que nos é permitido acessar para sobreviver

entre luzes e sombras. As pautas sobre alimentação repercutem sensibilidades, demandam representações existentes no imaginário coletivo e tomam o espaço urbano e as mídias ininterruptamente. Conforme podemos observar neste trecho da matéria com o título “Comida não é remédio, não!”, publicada na revista *Vida Simples*, Edição Especial – *Comer Bem*: “Dos programas de televisão aos chefs alçados a celebridades, dos restaurantes caríssimos ganhando páginas em grandes jornais aos festivais de comida [...] vivemos o que chamou de ‘Era da Comida’”. (VIDA SIMPLES, 2017, p. 24)

Elementos que condicionem o homem à existência humana são percebidos e fazemos uso deste aparato condicionante para nos nutrir neste espaço de trocas. Entre tendências que se multiplicam por todos os lados, nesse cenário, é preciso considerar o fenômeno da transmidialidade presente na cultura contemporânea, em que tanto mídias quanto as narrativas interagem e entrelaçam seus conteúdos. (JENKINS, 2006)

Desse modo, a valorização da alimentação, especialmente sob a perspectiva do saudável em suas múltiplas nuances, sofre massiva influência da mídia que se especializa abrindo caminhos para diversas leituras. O entrelaçamento entre a comunicação, a nutrição e as práticas de consumo realça a presença transversal da subjetividade nas questões sobre o saudável, sobretudo na cidade.

Partindo dessas ideias, construímos uma questão de estudo: no discurso das mídias, percebemos com certa frequência a incorporação de disposições que envolvem a temática da alimentação saudável no cenário plural da metrópole. Quais as representações de comida, de saúde e da cidade, nesse complexo entrecruzar de elementos simbólicos midiáticos, estão integradas na formulação de uma noção operatória “consumo de alimentação saudável”?

Sendo o objetivo deste artigo mapear uma bricolagem nas práticas de consumo alimentar do saudável voltada para um estilo urbano de ser e levando em conta a polissemia que compreende a temática do “saudável” em nosso cotidiano, para além da ausência de doenças, a estratégia metodológica foi selecionar a edição de uma revista representativa,

Vida Simples – Edição Especial *Comer Bem*, e analisar especificamente as representações da comida, da saúde e da cidade nas narrativas de reportagens sobre o comer em suas relações nesse cenário, a fim de avaliar a influência dos meios de comunicação no cotidiano dos cidadãos.

Consideramos, neste estudo interdisciplinar da Nutrição e das Ciências Sociais, que comida, saúde e cidade assumem sentidos e significados culturais a partir das trocas simbólicas concebidas nos contextos das relações sociais.

IMAGINÁRIOS NAS MÍDIAS E CONSUMO

Representações, símbolos, distinções, saberes, visões de mundo, estilos de vida e, sobretudo, tendências circulam sem fronteiras e configuram-se como a chave de remodelação da sociedade na cidade que, como diz Freitas (1996, p. 3), é um local de “explosões de códigos, estimulando novas fontes de significações [...] A cidade não se pertence mais. Ela pertence ao mundo”. É justamente aí que se sobressaem os meios de comunicação, como importantes agentes na mediação da produção, interpretação e veiculação de imagens e representações.

Observamos que as mídias reproduzem determinadas concepções do mundo social que fazem parte do enredado imaginário social que alimenta e constitui narrativas e imagens na metrópole. Nesse contexto, é possível pensar sobre o arsenal de comunicação circulante entre os grupos com base na apropriação de todo o aparato simbólico herdado, atualizado, transmitido e incorporado ao cotidiano dos indivíduos.

A sociedade contemporânea impõe e se submete a um ritmo frenético e incessante de mensagens que, na sua maioria, tenta nos vender algo e fomenta os consumos imaterial e material, sendo essa a lógica do bombardeio comunicacional diário. Segundo o filósofo André Gorz (2005), a questão do consumo imaterial está pautada no conhecimento impresso no imaginário e considerada uma riqueza. Para o autor,

do mesmo modo que a cultura, a sabedoria, os saberes tácitos, as capacidades artísticas, relacionais, cooperativas, etc., o conhecimento é riqueza

e fonte de riqueza sem ser, nem ter, um valor comercial, monetário. Ele é – como as outras capacidades humanas – mais do que apenas uma força produtiva, sem ser necessariamente um *meio* de produção. O conhecimento faz parte do mesmo modo que as outras que também é mais do que apenas uma força produtiva -, dessas riquezas ‘externas’ ou dessas ‘externalidades’ que são indispensáveis ao sistema de produção de mercadorias. (GORZ, 2005, p. 56)

De acordo com Gorz (2005), as riquezas chamadas primárias, como a solidariedade e os saberes cotidianos, desvelam a economia chamada de invisível que movimenta as relações e representações que abastecem a economia produtora de bens e serviços. “Dela resulta a capacidade de sentir, de amar, de se unir e de viver em paz com o próprio corpo, com a natureza e com o próximo”. (GORZ, 2005, p. 57)

Nesse sentido, retomar inicialmente os conceitos de representações sociais e imaginário é fundamental, já que são a própria estrutura social que organiza as experiências da sociedade. São chaves para se pensar além das fronteiras da razão e adentrar nos processos de produção de subjetividades do coletivo, do social, que constituem as visões de mundo dos grupos.

Émile Durkheim (2003), sociólogo e antropólogo, explicou um conceito importante para os estudos das Ciências Sociais e Humanas: o das representações coletivas, a partir do estudo pioneiro na teoria das representações sobre as religiões primitivas da Austrália. O conhecimento apreendido e transmitido em sua obra entende que a sociedade prevalece sobre o indivíduo. Dessa maneira, ela o constrói.

Agora, atualizadas nas representações sociais, do ponto de vista da psicologia social por Serge Moscovici (2009), não há como fazer, separadamente, uma análise do social e do individual, pois ambos estão em interação. “Pessoas e grupos criam representações no decurso da comunicação e da cooperação”. (MOSCOVICI, 2009, p. 41)

A historiadora Sandra Jatahy Pesavento e o sociólogo Michel Maffesoli foram alguns dos autores que se debruçaram sobre os estudos das representações e imaginário. Segundo Pesavento (2003, p. 43), “entende-se por imaginário um sistema de ideias e imagens de representação coletiva

que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo”. Sob o ponto de vista de Maffesoli (2001), a coesão inspirada pelas representações e o imaginário constitui-se no cimento social.

O imaginário é o estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado-nação, de uma comunidade, etc. O imaginário estabelece vínculo. É cimento social. Logo, se o imaginário liga, une numa mesma atmosfera, não pode ser individual. (MAFFESOLI, 2001, p. 76)

É nesse lugar na vida contemporânea, especialmente na cidade, em que os veículos de comunicação desempenham um papel social poderoso como meios de coesão por afinidade entre os grupos, que a profusão dos apelos midiáticos, calcados em representações, estrutura e organiza realidade e imaginário, objetividade e subjetividade a cada escolha, a cada passo dado nas práticas do cotidiano.

Frases, textos, depoimentos, imagens, expressões e estilos de vida transitam no emaranhado do imaginário em que as representações, sejam ideias, concepções, valores, tradições ou visões de mundo, são construídas, reconstruídas e disseminadas como estímulos a uma jornada sedutora e ininterrupta de consumo.

Segundo o sociólogo Mike Featherstone (1995, p. 119), “estilo de vida” na cultura de consumo “conota individualidade, autoexpressão e uma consciência de si estilizada”. Cada pessoa na cidade é afetada pelo consumo de ideias, bens e serviços que denotam um modo de ser e estar no mundo, a partir de códigos de distinção e das relações sociais que mantém e estabelece. Esbarramos, neste momento, no conceito que o sociólogo Pierre Bourdieu (2013) chama de distinção social, um modelo de compreensão da realidade que nos permite ver o jogo social do qual participamos e perceber o funcionamento da sociedade, de modo a viabilizar a possibilidade de ação dentro dela a partir da apreensão de códigos, valores, regras e, sobretudo, da lógica desse jogo. Para o sociólogo,

o que está em jogo é precisamente a ‘personalidade’, ou seja, a *qualidade* da pessoa, que se afirma na capacidade de apropriar-se de um objeto de qualidade. Os objetos dotados do mais elevado poder distintivo são aque-

les que dão melhor testemunho da *qualidade da apropriação*, portanto, da qualidade do proprietário, porque sua apropriação exige tempo ou capacidades que, suponho um longo investimento de tempo, como a cultura pictórica ou musical, não podem ser adquiridas à pressa ou por procuração; portanto, aparecem como os testemunhos mais seguros da qualidade intrínseca da pessoa. Por isso, explica-se o espaço reservado pela procura da distinção a todas as práticas. (BOURDIEU, 2013, p. 263)

Com isso, é fundamental saber como identificar e agir nesse jogo do consumo que se impõe ao cotidiano, sobrecarregado de discursos e ofertas, e que leva as pessoas a ocuparem espaços privilegiados entre seus pares, particularmente, neste estudo, pela forma como se alimentam e como cuidam de suas vidas em busca de juventude, saúde e beleza em seus amplos aspectos.

BRICOLAGEM NAS PRÁTICAS DE CONSUMO ALIMENTAR DO SAUDÁVEL

Neste entrecruzar de elementos simbólicos que envolvem as temáticas da alimentação, mídia, consumo, corpo e cidade, o objetivo deste artigo foi delimitar disposições para uma alimentação saudável no cenário plural da cidade. Procuramos, assim, mapear tendências, saberes, entre outros elementos significativos das narrativas comunicacionais que fluem até nós e que trazem aspectos interessantes para o nosso debate. Muitas vezes, nas entrelinhas, são evidentes certas enunciações que passariam despercebidas e que estabelecem uma bricolagem nas práticas de consumo alimentar do saudável voltada para um estilo urbano: “‘Desintoxique-se já!’, ‘Os elementos da comida limpa’”. (VIDA SIMPLES, 2017, p. 24) Manifestações linguísticas e comunicativas que propõem uma reflexão mais crítica sobre sentidos e significados de conteúdos atribuídos à alimentação nos exigem o debate.

Trabalhamos com a ideia de bricolagem alimentar, conforme Carvalho (2013, p. 17-18): “Bricolagem alimentar foi uma estratégia que atravessou as práticas de alimentação [...] como um modo de ‘arrumar’ o universo simbólico, uma estratégia de organização dos

significados dos alimentos na vida das pessoas”. O presente trabalho, de natureza qualitativa, tem como unidade de análise duas matérias jornalísticas que tomam a bricolagem alimentar como parte constitutiva de muitos discursos e, de certa forma, reverberam por todos os textos selecionados, de modo direto ou velado, ao consumo do saudável, hoje considerado um rótulo fortemente capitalizado. Seja para reproduzi-lo, reforçá-lo ou questioná-lo, “saudável” está presente fortemente e delimita seus contornos conforme o contexto em que está inserido. Pode incorporar diferentes sentidos e significados e a ideia é colocar as narrativas em estudo numa esteira que nos permita refletir sobre a construção desses conteúdos, suas articulações, o que representam e seus simbolismos dentro de um veículo de comunicação. Igor Sacramento (2015, p. 112) reforça esse aspecto do saudável no indivíduo contemporâneo:

Nesse sentido, estar saudável não é mais somente o oposto de estar doente, mas implica as ideias de qualidade de vida, bem-estar, autorrealização e autoestima. O redimensionamento dessas fronteiras trouxe impactos de várias ordens, do ponto de vista da sua temporalidade e da ação do sujeito humano.

Em termos mais gerais, segundo Carvalho (2013, p. 70), entendemos que a diversidade cultural da sociedade contemporânea participa do processo de construção e reconstrução da bricolagem alimentar, carregada de significados simbólicos e nutricionais, que às vezes parecem estar em coesão e, em outros momentos, em conflito. Bricolagem, para o antropólogo Massimo Canevacci (2001, p. 244), seria um

modelo atual de difusão das ideologias [que] poderia ser definido como um tipo ventríloquo, no sentido de que a ideia nasce, é emitida, reproduzida e comunicada diretamente pelas coisas, pelo produto-mercadoria, pelo gadget.

Para compreendermos as associações que se articulam no imaginário que se constrói no universo da alimentação, é fundamental atentar que a comida e o comer são fenômenos sociais e culturais. Sendo assim, a comida não desempenha somente o papel de se constituir como

uma fonte de nutrientes para a sobrevivência, mas também alimenta o indivíduo por meio de gratificações emocionais e torna-se um meio de expressar os valores culturais e as relações sociais de um grupo. Ou seja, altamente capitalizada para combinar os mais díspares arranjos simbólicos e de consumo. Para Carvalho (2013, p. 71),

o sentir e o imaginar se articulam nas práticas alimentares quando refletem ou se constroem no espaço social como ideias de todos, sonhos coletivos. As pessoas degustam e consomem os alimentos juntamente e a um consenso simbólico de um imaginário coletivo.

Por isso, a mídia não veicula somente a ideia da alimentação saudável com o conhecimento científico da Nutrição ou supervalorizando características dos produtos, mas também destaca reflexões sobre a mitificação dos alimentos, realça a sensação do prazer e da satisfação pelo gosto e o estabelecimento e a manutenção das inclusões ou exclusões sociais promovidas pela alimentação.

Como mencionado anteriormente, o presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa. Seleccionamos a revista *Vida Simples*, especificamente uma Edição Especial veiculada em 2017, *Comer Bem*, com uma seleção de reportagens sobre alimentação. Entre as matérias, elencamos duas que estão alinhadas às tendências que emergem no espaço metropolitano contemporâneo e trazem conceitos e reflexões atuais e, portanto, estão presentes em nosso cotidiano de diversas formas: “Comida não é remédio, não!”, na seção Prazer em comer, e “Quando comecei minha horta urbana”, na Plantar e colher.

Vida Simples é uma revista lançada pela editora Abril e que, em 2014, foi incorporada à editora Caras e, em 2018, foi comprada por Luciana Pianaro e Eugenio Mussak. Publicada mensalmente, foi escolhida no mundo editorial para representar um veículo de comunicação na presente pesquisa. Segundo o *site* da revista,¹ que traz dados de

1 A revista *Vida Simples* não consta atualmente entre os veículos auditados pelo Instituto Verificador de Circulação (IVC). Os dados referentes à circulação da revista *Vida Simples* foram obtidos no *site* da publicação à época do estudo.

março de 2016 do Instituto Verificador de Circulação (IVC), responsável pela auditoria de circulação dos principais jornais e revistas do país, a cobertura da revista atinge cerca de 61 mil leitores, sendo que a maioria, 61%, é da região Sudeste do Brasil, lugar formador de opinião em relação ao objeto deste estudo e que confere capital e valor urbano para além das fronteiras, independente do espaço geográfico em que esteja. É uma revista representativa para esse tipo de veículo no universo da comunicação. Ocupa o seu lugar, entre os jornais e os livros, e compartilha discursos que fluem no universo cosmopolita preenchidos de representações e valores simbólicos, “entrando em contato com personagens do cotidiano, partilhando seus problemas, passatempos e prazeres”. (OLIVEIRA; VELLOSO; LINS, 2010, p. 13)

Conforme nos explicam Oliveira, Velloso e Lins (2010, p. 12),

situando-se entre os jornais e os livros, as revistas desempenharam o papel de mediadoras de saberes, de práticas sociais e de linguagens. Nem tão imediata quanto a matéria trazida pelos jornais, nem tão reflexiva quanto a sugerida pelos livros, elas conseguem trilhar esse caminho singular, combinando notícias, reflexão e entretenimento, além de serem, é claro, instrumento imprescindível de atualização. Por todos esses atributos, elas vão angariar enorme popularidade.

As matérias cuidadosamente construídas a partir dos quatro pilares que estruturam sua marca, autodesenvolvimento, escolhas, relações e estilo de vida, segundo a descrição no *site* da revista *Vida Simples*, encontram-se alinhadas ao objetivo editorial da publicação.

O objetivo de VIDA SIMPLES é propor ao leitor mudanças que tragam mais significado e satisfação para cada dia, transformando sua relação consigo mesmo e com o mundo. Aborda temas como trabalho, família, meio ambiente e autoconhecimento através de reportagens profundas e reflexivas. Apresenta, também, ideias de pessoas que estão melhorando a realidade ao redor graças ao olhar sensível sobre a vida.

O processo metodológico escolhido para este estudo é a análise de conteúdo das duas matérias selecionadas, com base nos estudos de Laurence Bardin (2010). Segundo a autora, a análise de conteúdo

consiste em “um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. (BARDIN, 2010, p. 40)

Na revista *Vida Simples*, essencialmente urbana, a cidade é parte integrante dos textos. Nesse panorama, levamos em conta os conteúdos relacionados à alimentação saudável e ao seu conseqüente consumo, seja imaterial ou material. A possibilidade da junção dos dados quantitativos e qualitativos coletados no recorte textual proposto promove uma análise mais profunda das narrativas em questão.

A análise de conteúdo é apenas um método de análise de texto desenvolvido dentro das ciências sociais empíricas. Embora a maior parte das análises clássicas de conteúdo culminem em descrições numéricas de algumas características do *corpus* do texto, considerável atenção está sendo dada aos ‘tipos’, ‘qualidades’, e ‘distinções’ no texto, antes que qualquer quantificação seja feita. Deste modo, a análise de texto faz uma ponte entre um formalismo estatístico e a análise qualitativa dos materiais. No divisor quantidade/qualidade das ciências sociais, a análise de conteúdo é uma técnica híbrida que pode mediar esta improdutiva discussão sobre virtudes e métodos. (BAUER; GASKELL, 2010, p. 190)

Neste ponto, consideramos todos os elementos pertinentes a este estudo como fundamentais à reflexão crítica dos conteúdos publicados, a fim de interpretar as nuances desse fenômeno comunicacional que é a temática da alimentação saudável na cidade. Para Canevacci (1993, p. 38), “recomeçar a observar os fenômenos, não mais com as tradicionais grades interpretativas, mas abandonando-se ao objeto da pesquisa e avançando hipóteses cautelosas que orientam a reflexão”, é a chave para o sucesso da interpretação dos sentidos e significados inscritos nos discursos apurados na publicação.

Fizemos um recorte nas narrativas a fim de investigá-las a partir de categorias que estabelecemos para desvelar as construções dos textos nesse cenário de alimentação na cidade. Laurence Bardin (2010, p. 38-39) considera este método simples, denominado análise categorial, como um procedimento que permite desinvisibilizar os conteúdos,

levando “em consideração a totalidade de um texto, passando-o pelo crivo da classificação e do recenseamento, segundo a frequência de presença (ou de ausência) de itens de sentido”. Tendo como pano de fundo o cenário da cidade como palco das temáticas de alimentação e saúde, bem como a leitura atenta às múltiplas apropriações do consumo da alimentação saudável em seus amplos aspectos, as quatro categorias construídas para compreender os sentidos e significados das narrativas das matérias selecionadas são: tendências, saberes em saúde, mídia e corpo.

Quadro 1 – síntese para a análise

Aspecto analisado	Categorias	Amostragem
Tema central — Comidas e cidades: múltiplas apropriações do consumo alimentar na mídia na revista <i>Vida Simples</i>	1. Tendências 2. Saberes em saúde 3. Mídia 4. Corpo	Dois matérias da Edição Especial da revista <i>Vida Simples</i> — <i>Comer bem, 2017</i> : “Comida não é remédio, não!” e “Quando comecei minha horta urbana”.

Fonte: elaborado pelos autores.

Estabelecemos, portanto, essas quatro categorias de análise de textos de uma revista representativa do cotidiano urbano contemporâneo. Procuramos desvelar o segmento que ocupou papel de destaque na produção e reflexo de significações e representações, embora haja entre eles uma inter-relação. A seguir, reflexões sobre a análise de conteúdo do presente artigo.

AS REPRESENTAÇÕES DA COMIDA, SAÚDE E CIDADE: REFLEXÕES SOBRE AS MATÉRIAS

Nossa análise buscou interpretar as reportagens como materiais simbólicos que compõem a cultura contemporânea. Sendo assim, analisamos especificamente as representações da comida, da saúde e da cidade, bem como as suas articulações na revista *Vida Simples*, a partir das categorias de análise que construímos.

Consideramos comida, saúde e cidade como os elementos constitutivos de todo o cenário que embasa este estudo e, portanto, as representações associadas a essas temáticas se refletem por todas as narrativas do estudo demarcadas entre as quatro categorias.

A primeira delas, “tendências”, compreendeu as representações associadas aos novos significados conferidos à alimentação saudável nesse cenário, como produtores de tendências em evidência no contexto urbano, com temporalidade oscilante, de forma a orientar modos de comportamento do indivíduo em grupos amparados por determinados estilos de vida, além de capacitá-lo com códigos que o insiram socialmente numa rede de consumo de bens imateriais e materiais que legitimará suas relações.

“Saberes em saúde” foi a segunda categoria construída para abarcar aspectos relacionados à compreensão, incorporação ou expressão de um saber que tendem a representar o conhecimento científico ou por reunirem discursos de influência no meio social formulados por especialistas ou profissionais da área em questão, independentemente de estarem legitimados por estudos ou pesquisas científicas.

Chamada de “mídia”, a terceira categoria elaborada está diretamente relacionada à ideia dos meios de comunicação como mediadores da produção, interpretação e disseminação de imagens e representações que transitam no imaginário social.

“Corpo” é a última categoria e abarcou os discursos que busquem produzir sentidos nos indivíduos através de um padrão estético que se impõe numa época e dos cuidados com a saúde por meio de um viver saudável.

A revista *Vida Simples*, em suas duas matérias referentes à Edição Especial *Comer Bem*, de 2017, com o olhar voltado para alimentação, publicou argumentos a partir das questões do saudável, envolvendo as temáticas das quatro categorias selecionadas para este estudo. A categoria “tendências” totalizou 31 narrativas e apresentou a maior frequência. “Saberes” e “corpo” contaram com cinco inserções em cada categoria. “Mídia” reuniu um único discurso. Portanto, entre as narrativas analisadas, “tendências” afloraram e assumem seu papel central nas duas matérias analisadas.

Segundo Barcellos (2016, p. 134),

impressões, valores, visões de mundo, tradições, representações de todas as ordens referentes ao universo da alimentação saudável associada à qualidade de vida, transformam as realidades. Colocam-se através das questões referentes à alimentação a cada instante sob uma lógica que estimula os diferentes interesses em um determinado momento, seja para atender o lado da produção-consumo-comunicação ou o lado do público receptor. Refletem-se nos imaginários nas mídias e comandam toda uma rede de produção e de consumo.

A pauta da alimentação saudável trafega no imaginário social e promove no universo midiático, a partir da análise deste estudo, experiências atuais e inspiradoras para viver o jeito urbano de ser alinhadas aos novos sentidos produzidos na metrópole contemporânea.

“Comida não é remédio, não!”

Na primeira matéria deste estudo, durante a leitura do texto composto por 33 narrativas, os conteúdos concentraram-se entre as quatro categorias, sendo “tendências” a que se sobressaiu, com 23 inserções. Começaremos por ela. Estabelecemos distintas temáticas, entre elas a bricolagem alimentar, que aparece como uma tendência mundial, com os seguintes componentes: manifestações linguísticas e comunicativas em geral e reflexão mais crítica sobre sentidos e significados. A narrativa que constituiu essa temática fez parte do grupo de atitudes rejeitadas, um posicionamento da revista contra o conteúdo em análise.

‘Puro, cru, despido, nu, limpo e detox’, ‘Como não morrer...’ Uma volta pelas seções de livros de gastronomia ou de nutrição das principais livrarias da Inglaterra fez com que o jornalista e escritor Steven Poole percebesse que havia alguma coisa errada ali. Especialista em linguagem – e no abuso que se faz dela – acho que aqueles títulos [...] pareciam mostrar uma relação não muito amistosa, para dizer o mínimo, com a alimentação. (VIDA SIMPLES, 2017, p. 24)

Conforme afirma Carvalho (2013, p. 70), bricolagem alimentar é “um conceito que reinterpreta significados que ora se reproduzem com aparência caótica e criativa nas práticas de alimentação”.

Outra temática que também foi classificada como atitude rejeitada foi a da supervalorização do alimento, com 11 menções a partir dos componentes busca da saúde perfeita, alimento ideal, cultura do risco e distinção social.

Tornamo-nos obcecados pela comida [...] a ponto de queremos saber de onde ela procede, onde comprar, de que forma preparar, como comer. Se no princípio isso poderia indicar um bom sinal – afinal, maior consciência sobre o que colocamos no prato poderia ser uma forma de ressignificar nossa relação com a alimentação –, no final das contas acabou descambiando para uma espécie de neurose. (VIDA SIMPLES, 2017, p. 24)

As especificidades dos conteúdos em análise denotam a posição da revista desde o tom do título da matéria, enfatizando o quanto a comida ultrapassa a fronteira do saudável sob o aspecto da ausência de doença. Seria uma nova tendência sobrepondo-se à da medicalização do alimento, já estabelecida e também mencionada na matéria, com duas narrativas classificadas como atitudes rejeitadas, e que detém, em seus componentes, referências aos nutrientes e aspectos funcionais da alimentação. “A comida substituiu as drogas no panteão do prazer. Tanto que tem trazido com ela um vocabulário cada vez mais farmacêutico”. (VIDA SIMPLES, 2017, p. 24) Segundo Neves e colaboradores (2015, p. 26), a conduta predominante

ainda centrada no modelo biomédico, continua ignorando ou minimizando os papéis sociais do alimento, reduzindo-os a suas características funcionais. O profissional nutricionista, a partir do momento em que passa a conduzir sua atuação profissional em conformidade com as novas práticas profissionais, desempenha papel relevante no processo de medicalização da alimentação observado na contemporaneidade.

Nessa cultura do risco, a revista adota uma postura sustentada por questões socioculturais que iluminam os excessos acerca da supervalorização do alimento.

Assim como transtornos como a anorexia ou a bulimia, a ortorexia é um problema alimentar, mas desta vez causado pelo exagero da ideia de comida saudável, uma busca incansável pelos benefícios nutricionais daquilo que se ingere. (VIDA SIMPLES, 2017, p. 24)

Como explicam Castiel, Guilam e Ferreira (2010, p. 9), “esse ambiente ‘riscofóbico’ pode configurar uma estratégia limitante e produtora de ansiedades e inseguranças ao propor formatos restritivos de condução do comportamento das pessoas”. Um questionamento proposto no texto alinha-se a esse pensamento: “Quando foi que comer se tornou um ato marcado pela ansiedade sobre procedência, estilo de vida, saúde e status social?”. (VIDA SIMPLES, 2017, p. 24)

Esbarramos na temática “medo da comida”, também constituída por três discursos rejeitados.

As pessoas estão desesperadas [...] se castigando com dietas impossíveis, com promessas desintoxicantes (que muitos artigos científicos refutam que existam) e se privando daquilo que gostam de comer por puro medo da comida. (VIDA SIMPLES, 2017, p. 28)

Foram encontrados os seguintes componentes das narrativas que comprovam os argumentos dessa categoria: novos sentidos e significados, conflitos com a comida e privações por excessos de cuidados com a saúde.

Em contraponto a essa ideia, encontramos, em outras narrativas, temáticas acerca do valor do alimento saudável combinado com outras questões que ampliam sua significação e são, portanto, narrativas valorizadas pela revista e em acordo com a seção em que a matéria está inscrita: Prazer em comer. Uma delas foi a temática “comida não é remédio”, em harmonia com a ideia principal do texto.

Medicalizar a alimentação é distúrbio. Coma comida, não nutrientes. Coma variado e os nutrientes estão garantidos. Exclua ultraprocessados [...] A chamada medicalização da alimentação transforma a comida em inimigo e acaba com o prazer de comer. (VIDA SIMPLES, 2017, p. 26)

Os componentes que envolveram as três narrativas dessa temática foram valorização da comida para além dos nutrientes e dimensões culturais e sociais das práticas alimentares.

A última temática que integrou a categoria “tendências” foi alimento como fator social, com abordagens valorizadas pela publicação. Os componentes que embasaram os argumentos das três narrativas dessa temática foram vínculo aos valores culturais e familiares e comensalidade.

A batalha a ser enfrentada na nossa relação com a alimentação não tem a ver com encontrar a dieta perfeita (e a combinação exata de nutrientes que ela pode oferecer), mas sim com o fato de colocarmos o prato em seu lugar de direito e reconstruir a essência do vínculo que estabelecemos com aquilo que levamos à boca. (VIDA SIMPLES, 2017, p. 28)

A categoria “Saberes em saúde”, atitudes valorizadas, temática saberes técnicos, somou cinco inserções. Os componentes descritos foram saberes legitimados por uma classe ou área, valor cognitivo, nutrição e práticas alimentares. Nesta narrativa, uma breve explicação sobre o Guia Alimentar para a População Brasileira.

Trata-se de um dos documentos mais completos sobre nutrição pensado para a população brasileira – e elogiado inclusive por profissionais da área em outros países. Lançado pelo Ministério da Saúde, o guia é um compêndio que busca falar da alimentação de uma forma holística: em vez de trabalhar com grupos alimentares e porções recomendadas, por exemplo, indica que a alimentação tenha como base alimentos frescos (frutas, carnes, legumes) e minimamente processados (como arroz, feijão e frutas secas). (VIDA SIMPLES, 2017, p. 26)

A categoria “mídia” apresentou a temática transmidialização, ancorada no conceito de narrativa transmídia (JENKINS, 2006) em que os conteúdos dialogam e entrelaçam-se entre múltiplas plataformas midiáticas. Uma única narrativa foi valorizada, tendo como componentes novos sentidos e comunicação entre mídias. “[...] dos programas de televisão aos chefs alçados a celebridades, dos restaurantes caríssimos ganhando páginas em grandes jornais aos festivais de comida [...] vivemos o que chamou de ‘Era da Comida’”. (VIDA SIMPLES, 2017, p. 24)

Para finalizar a análise desta matéria, a categoria “corpo” apresentou quatro inserções, consideradas rejeitadas pela revista.

Com a sociedade do espetáculo, a imagem ganhou ainda mais importância, e o corpo se tornou um capital valioso (bastam alguns segundos navegando pelo Instagram para comprovar!). Todo alimento que pudesse colocar esses padrões em risco – ou arranhar a nossa ideia de saúde perfeita – era visto como vilão. (VIDA SIMPLES, 2017, p. 26)

Sob a temática “padrão estético”, comportou os componentes sociedade do espetáculo, supervalorização da imagem e ideia de saúde perfeita. É nesse cenário da metrópole que nos aproximamos do conceito de espetáculo do escritor Guy Debord (2003, p. 16):

O conceito de espetáculo unifica e explica uma grande diversidade de fenômenos aparentes. As suas diversidades e contrastes são as aparências organizadas socialmente, que devem, elas próprias, serem reconhecidas na sua verdade geral. Considerado segundo seus próprios termos, o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda vida humana, socialmente falando, como simples aparência.

O corpo torna-se reflexo do cotidiano da cidade que se apresenta como um espetáculo e, nesse jogo de aparências e consumo, o padrão estético do corpo magro com musculatura definida surge, incorpora afetos e reconstrói representações que circulam na cena da metrópole.

“Quando comecei minha horta urbana”

A segunda matéria que deu sequência ao estudo, inscrita na seção Plantar e colher da revista, apresentou dez narrativas com conteúdos voltados para as categorias “tendências” e “corpo”. Nove delas fizeram referência à categoria “tendências” e foram classificadas como atitudes valorizadas. O texto compõe aspectos que se referem à temática bricolagem da horta e seus componentes foram agricultura urbana, natureza e o homem, afetos, usos da cidade, iniciativas mundiais e espaços de socialização. “Eu sabia que, do ponto de vista da sustentabilidade, uma horta urbana era ‘bastante legal’, mas ainda não tinha entendido o poder de plantar em casa”. (VIDA SIMPLES, 2017, p. 31)

A ideia da horta está presente no imaginário com suas representações ligadas ao cultivo de legumes, hortaliças, temperos, ervas, geralmente nas áreas rurais, o que traz a ideia do antigo e simples, do alimento cultivado no campo, de modo tradicional, artesanal, caseiro. Sensibilidades hoje, poderosamente, valorizadas e reconstruídas a todo momento e que se inscrevem, de múltiplas formas, no cotidiano urbano. “Me sentia o Marco Polo da agricultura sustentável, incumbido de levar à cidade um pouco do cheiro do Rio Pardo que ficou no meu tênis”. (VIDA SIMPLES, 2017, p. 32) Segundo Carvalho (2013, p. 82), “na prática, os significados são reinterpretados na bricolagem, e não faz sentido buscar a origem, mas, sim, uma relação no universo de significação”. E acrescenta,

O simbolismo de tradicional, regional, caseiro e artesanal se reinterpreta de modo dinâmico nas trocas simbólicas. É na realidade de um contexto específico que as ideias de tradicional se fundem, ou não, com as de moderno, alcançando distinção social. (CARVALHO, 2013, p. 82)

Estamos estreitamente enredados ao conceito que Bourdieu (2013) chama de distinção social e, a partir de nossa perspectiva pessoal, perceber, no jogo social do qual fazemos parte, o que é valorizado ou não em certos espaços. O lugar social do indivíduo é concedido pelo modo como come, pelos alimentos que escolhe, pelas tendências que consome e pelas relações sociais que estabelece, por exemplo.

A antropóloga Mary Douglas e o economista Baron Isherwood trouxeram reflexões importantes a partir de um estudo pioneiro na área da Antropologia Econômica. Para eles, as relações sociais se estabelecem e se mantêm também através dos bens que os indivíduos consomem.

Em vez de supor que os bens sejam em primeiro lugar necessários à subsistência e à exibição competitiva, suponhamos que sejam necessários para dar visibilidade e estabilidade às categorias da cultura [...] ao mesmo tempo, é evidente que os bens têm outro uso importante: também estabelecem e mantêm relações sociais. (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2013, p. 103)

As relações sociais se articulam nas práticas de alimentação, conforme a construção das narrativas da revista, a partir de componentes

que unem o sentir, o imaginar e o reproduzir, acompanhados de um sentido valorizado de criação e compartilhamento que tomam os espaços sociais alinhados às iniciativas mundiais.

Vi iniciativas como os Seeds Savers (salvadores de sementes), nos Estados Unidos, que criam bancos de sementes para salvar a biodiversidade. Vi agricultores urbanos na Espanha plantando nos espaços que ainda ousavam ser cinza. (VIDA SIMPLES, 2017, p. 32)

Para finalizar a análise levantada até esta matéria, a categoria “corpo” aparece com uma narrativa.

Agora estou mais atento à sazonalidade dos alimentos. Faz diferença saber que em tal época a cenoura cresceu menos, mas a batata está mais bonita. A gente vê que o meio está oferecendo aquele alimento prioritariamente. E que nosso corpo, harmonizado com isso, vai trabalhar melhor. (VIDA SIMPLES, 2017, p. 32)

A temática “cuidados com a saúde” associou os componentes de sazonalidade dos alimentos, impactos dos alimentos no corpo e viver saudável.

Percebemos, assim, que, nessa segunda matéria em análise, houve a predominância da categoria “tendências” na classificação das narrativas. Os critérios definidos para estabelecê-la assumiram as muitas significações do que seria uma horta. “Basta um manjeriço, e já é horta. Na minha janela”. (VIDA SIMPLES, 2017, p. 32) Uma nova forma de ordenação global trabalha com as representações e se inscreve na cidade que encontra na mídia a força de potencializar suas tendências.

PARA AONDE APONTAM OS NOVOS FLUXOS DE CONSUMO DE ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL NAS CIDADES?

Neste estudo, buscamos refletir sobre as múltiplas apropriações do consumo alimentar do saudável na mídia, no cenário da cidade, recorrendo, para isso, a um olhar transdisciplinar entre sentidos e significados da subjetividade nos diálogos entre as áreas das Humanidades e das Ciências da Saúde. Consideramos, diante dos resultados apresentados,

como as representações são construídas e reconstruídas em contextos específicos – da revista, das cidades, da saúde – assumindo que a cidade ora é produto, ora é produtora de subjetividades, afetividades e de narrativas, sobretudo neste estudo, referentes ao universo da alimentação, muito marcadas por tendências urbanas.

Pretendemos responder a uma questão de pesquisa construída a partir das ideias que se entrelaçaram neste estudo: quais as representações de comida, de saúde e da cidade, apropriadas de modo múltiplo neste complexo entrecruzar de elementos simbólicos midiáticos, estão envolvidas na construção da noção operatória de “consumo de alimentação saudável”?

As análises de duas matérias de uma revista representativa nos permitiram observar que os apelos às tendências, aos saberes em saúde, à mídia e ao corpo são constitutivos dos meios de comunicação. Encontramos nos veículos a força para expandirem-se entre o público, consumidores de suas ideias, bens e serviços, que são também responsáveis por propagar valores, impressões, visões de mundo e estilos de vida que se inscrevem nos espaços sociais, reconstruindo-se a todo momento. A expressão midiática da diversidade de estímulos no cotidiano urbano é capaz de instituir conflitos entre escolhas sobre o “comer saudável” em seus amplos aspectos, o que requer nossa atenção.

Identificamos a predominância da categoria “tendências” nos dois textos analisados da revista *Vida Simples*, Edição Especial – *Comer bem*. Sendo assim, observamos uma combinação de elementos presentes na construção social, de modo oscilante e inovador, contribuindo com novos fluxos de consumo alimentar nas cidades.

Explorando um pouco mais, duas tendências sobressaíram-se pelo número de narrativas associadas a elas. Na primeira matéria, supervalorização do alimento obteve realce rejeitando e se contrapondo a esse processo acelerado de medicalização da alimentação, imperativo no espaço urbano. Sob a lógica da promoção da saúde construída pela revista, devemos pressupor não apenas o valor nutricional dos alimentos e suas funcionalidades, mas incluir como de mesma importância os seus aspectos simbólicos que reconstróem a essência de nosso vínculo com a comida, sem

excluir o contexto sociocultural em que se manifestam. No segundo texto, a temática “bricolagem da horta” destacou-se por valorizar a iniciativa de uma tendência mundial de trazer os ares da horta do campo para as urbes.

Dessa forma, especialmente por meio de tendências que se constituem e se propagam na cidade, a partir de representações, elementos simbólicos e atentos aos novos fluxos de consumo da alimentação saudável na cidade, nosso caminhar aponta para o fortalecimento dos estudos nesta linha e para a construção, com os braços da mídia, de uma noção operatória de consumo de alimentação saudável. Reconhecemos a importância de reconstruir representações, minimizar preconceitos, flexibilizar e atender os apelos biológicos e emocionais dos indivíduos, e não somente suas demandas imperativas produzidas por uma visão hegemônica de saúde, marcada fortemente como ausência de doença. O fato de levantar esta reflexão permite trabalhar com o poder e o alcance das subjetividades e afetividades inerentes à vida em sua complexidade e inscritas no imaginário das urbes.

REFERÊNCIAS

- BARCELLOS, D. M. N. *Alimentação saudável e qualidade de vida na cidade: um estudo dos imaginários nas mídias*. 2016. Tese. (Doutorado em Alimentação, Nutrição e Saúde) – Instituto de Nutrição, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2010.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. (org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- BOURDIEU, P. *A Distinção: crítica social do julgamento*. Tradução de Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. Porto Alegre: Zouk, 2013.
- CANEVACCI, M. *Antropologia da comunicação visual*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- CANEVACCI, M. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: Estúdio Nobel, 1993.
- CARVALHO, M. C. V. S. *Bricolagem alimentar nos estilos naturais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

CASTIEL, L. D.; GUILAM, M. C. R.; FERREIRA, M. S. *Correndo o risco: uma introdução aos riscos em saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010.

DEBORD, G. *Sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003. Disponível em: <http://www.ebookbrasil.org/eLibris/socespetaculo.html>. Acesso em: 17 jul. 2015.

DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Tradução de P. Dentzien. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.

DURKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FEATHERSTONE, M. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. Tradução de Julio Assis Simões. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FREITAS, R. F. Comunicação e espaços urbanos: relação essencial à contemporaneidade. *Revista Logos*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 3-4, 1996.

GORZ, A. *O imaterial: conhecimento, valor e capital*. Tradução de Celso Azzan Júnior. São Paulo: Annablume, 2005.

JENKINS, H. *Convergence culture: where old and new media collide*. Nova York: New York University Press: 2006.

MAFFESOLI, M. O imaginário é uma realidade. *Revista FAMECOS: Mídia, Cultura e Tecnologia*, Porto Alegre, v. 8, n. 15, p. 74-82, 2001.

MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2009.

NEVES, A. S. *et al.* A nutrição na busca pela supernormalidade. In: PRADO, S. D. *et al.* (org.). *Alimentação e consumo de tecnologias*. Curitiba: CRV, 2015. p. 17-32.

OLIVEIRA, C.; VELLOSO, M. P.; LINS, V. *O moderno em revistas: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

PESAVENTO, S. J. *História & história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SACRAMENTO, I. Tornando a dor visível: o ethos terapêutico em narrativas testemunhais de celebridades sobre o câncer. *Ciberlegenda*, Rio de Janeiro, n. 32, p. 109-122, 2015. Disponível em: <http://www.ciberlegenda.uff.br/index.php/revista/article/view/751/405>. Acesso em: 13 jul. 2019.

VIDA SIMPLES. São Paulo: Caras, 2017. Edição especial.